



MANIFESTA CoMA

Hoje fundamos a Cooperativa de Mulheres Artistas. Somos mulheres, artistas, professoras, curadoras, pesquisadoras, estudantes, ativistas, _____, mães, não-mães.

1. O mercado da arte, como todos os sistemas não solidários, é construído sobre a exclusão e a especulação dos valores do que é vivo. É masculino, patriarcal, racista e elitista. Não nos contempla, não é suficiente.

Criar é enorme. Tratamos do cuidado. Estamos com o peito inchado.

1. Cooperativa, colaboração ativa, experiências e resultados compartilhados. Nossa proposta é construir, acolher, distribuir, mas principalmente criar fissuras no modo de operação do mercado. Nosso corpo coletivo é uma estratégia de transformação para um novo modo de economia artística. A Cooperativa é uma metodologia de ação. Cooperar em seu caráter performático. Trabalhar a partir da não-competitividade, buscando uma estética conectiva.

A Cooperativa é uma obra.

1. Não temos pretensão de unificar, responder ou solucionar todos os problemas que se colocam às mulheres. Buscamos desvelar os mecanismos de operação da arte e instaurar outras possibilidades. Habitamos o fazer artístico em experiência compartilhada. A arte não pode ser um monólogo.

Não dou conta. A conta não fecha. Eu faço de conta. Todas somos muitas. Morte ao patrão.

Vamos colocar a banca. O corpo é próprio, mas não estou sozinha.

1. A casa não será mais um espaço de confinamento. A louça, as crianças, o cuidado, o conflito, a limpeza, a comida, a roupa suja, o aluguel, a dúvida: tudo é desejo e também fardo, informa e forma o fazer artístico. Todos esses trabalhos não estão refletidos nas valorações econômicas que a sociedade patriarcal organiza. A autonomia financeira é uma parte chave da emancipação da mulher. O doméstico e a manutenção da vida também são partes do processo artístico.

Devorar a casa. Habitar é demorar-se. Nossas mãos e mesas estão cheias de roupas e livros. Gotas de angústia. Todo sintoma é acolhido; toda dor é compartilhada. Os filhos são mal vistos nas vernissages. Como continuar o trabalho quando a criança está com febre?

1. Nosso prazer é político. O nosso gozo é um grito. Estamos e não estamos mães. Estamos no estado de cuidar e de sermos cuidadas. Cuidar para não desistir. Cuidar do desistir. Sinto culpa. Chega do romantismo e da obrigatoriedade da maternidade. Eu me masturbo, tu te masturbas, nós nos masturbamos.

O corpo feminino pressupõe riscos. Roupa suja se lava fora de casa. Nossa presença modifica o espaço público. Nenhuma violência é só doméstica. Coragem é acolher o medo. Ser mulher é uma multiplicidade. Invocamos outros imaginários: foram muitas antes de nós, as lutas feministas nos formam e alimentam.

1. Provocar o curto circuito: outros modos de operação produtivos e reprodutivos. A exposição é uma tática, mas não é a única. A experiência, seus sujeitos e objetos, convivências, o estar continuamente contaminado. Complexificar os ideais de sucesso. Complexificar o ser mulher, do biológico ao corpo social. Compreendemos a mutabilidade do corpo físico como uma construção de identidades e encontros. Pelo direito ao corpo em sua estranheza. Desgenitalizando o binário, desbinarizando o gênero.

A vulnerabilidade é necessária para a transformação. Não há empatia sem vulnerabilidade. Juntas, nossas loucuras encontram abrigo. E só cabe a nós nomear nossas próprias loucuras.

Precárias venceremos.

Janeiro de 2019